PREFEITURA DE CAMPINAS | SECRETARIA DE SAÚDE

SUS

UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

COLETIVO DE ESTUDOS E APOIO PAIDEIA

Oficinas Terapêuticas: um caminho para inclusão

Autora: Martha Maria do Carmo Bandicioli
Email de contato: marthabandicioli@gmail.com
Orientadora: Sandra Helena de Andrade Regolin

INTRODUÇÃO

A política de Saúde Mental vem ao longo de décadas, assim como o SUS, na luta para garantir o cuidado ao paciente dentro das Redes de Atenção.

A RAPS (Rede Atenção Psicossocial) instituída como modelo de assistência para atender o paciente em sofrimento mental é composta por vários equipamentos sendo que em Campinas se dispõe nos distritos de saúde.

OBJETIVOS

Discutir a gestão do uso de medicamentos de usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS);
Verificar se a inserção do paciente com transtorno mental nas oficinas terapêuticas favorece a diminuição do uso de medicamentos;
Avaliar se o CAPS III percebe a importância do CECO como potência de parceria na proposta de cuidado em saúde mental.

AÇÕES DESENVOLVIDAS

Inicialmente realizando reuniões com os gestores do convênio do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira; reuniões com a área técnica da Assistência Farmacêutica do Departamento de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e visita ao CAPS III – "DAVI". Na fase inicial das reuniões com a gestão do convênio o objetivo maior foi demonstrar que a visita e a coleta de informações não teriam finalidade de julgamento do acompanhamento para fins de contrato do convênio. A avaliação seria mais voltada para levantar questões no processo de trabalho. De que forma se realiza a parceria do CAPS com o CECO e as oficinas terapêuticas; também os critérios no uso da medicalização; verificar o gerenciamento dos medicamentos e revisão de solicitação de cotas pela farmácia do CAPS. Sobre os dados coletados na visita, vale ressaltar que o olhar sobre a medicalização é parte da remissão dos sintomas, assim muitas vezes para evitar o sofrimento agudo à equipe ainda utiliza a medicação como forma de alívio do usuário.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

No CAPS DAVI não foi evidenciado a relação da diminuição do uso de medicamentos, ou seja, psicofármacos e o acesso ao CECO. As equipes são apropriadas, com passagem de plantão em 3 turnos, responsabilização e comprometimento com os pacientes. Os fluxos de trabalho definidos, porém no que tange ao processo de medicalização, quantos pacientes estão em uso, como são cadastrados e como a farmácia e a farmacêutica participa ativamente de algum grupo ou equipe, isso não ficou muito claro, mostrando certa fragilidade.

Ocorre que não há registros de como é realizado passo a passo os critérios de avaliações e reavaliações de medicalizações de usuários em crise ou não. Foi citado que as reavaliações são frequentes, porém sem um critério fixo. Esse fluxo pode ser melhor demonstrado pois quando verificamos o número total de usuário inserido 399, mas que só 200 tem cadastro na farmácia e a cota de um psicofármaco é de 2900 semanais, fica improvável qualquer tipo de análise.

Os CAPS ainda mantêm uma estrutura um tanto quanto solitários, ou seja pelas ofertas de oficinas terapêuticas que produzem. No CAPS DAVI a única oficina que existe em parceria com CECOS é a de música e dança sendo relato da coordenadora *"a que mais usuários ganhamos adesão e que melhor aproveitamento e relações com o parceiro tivemos".* Isso mostra que formar parcerias, fazer com que os usuários realizem atividades em locais fora do CAPS é fundamental no processo de construção da terapêutica. É necessário, portanto a inclusão e construção social desses usuários como seres humanos.

Neste contexto temos aqui relato de um médico psiquiatra do CAPS que participa da oficina de FUTEBOL: disse que além dos usuários sentirem mais confiança porque o médico está na posição de igualdade jogando bola, e há também outras pessoas da comunidade, sem sofrimento mental se relacionando com eles. Neste espaço surge às vezes discussão de melhoras orgânicas que levam os usuários a questionarem a diminuição de medicamentos. Segundo o médico a OFICINA TEM UMA FUNÇÃO ESPECIAL para O PROCESSO DE DESMEDICALIZAÇÃO.

A medicalização ainda é um estigma, um processo a ser discutido dia a dia, para que os profissionais compreendam que não se trata da remissão de sintomas. Quando falamos em saúde mental é preciso uma supervisão externa, porque o olhar de quem está dentro do CAPS pode muitas vezes solidarizar com o sofrimento imediato e humano e assim tentar resolver com soluções rápidas mas que não trarão reais benefício ao longo do todo projeto terapêutico a ser construído.

A proposta deste estudo não termina. Caminha para devolutiva em r reuniões colegiado de coordenadores dos CAPS do SERVIÇO Dr. CANDIDO FERREIRA demonstrando maneiras de repensar nas ofertas de oficinas terapêuticas internas dos CAPS, bem como aumentar o vínculo com os CECOS, e implantação de instrumentos ou ferramentas, de controle da dispensação de medicamentos.